

## BAIANO NASCE BURRO OU ESTRÉIA? UM ESTUDO SOBRE O PÁTHOS JORNALÍSTICO

João Antonio de Santana Neto<sup>1</sup>

**Resumo:** Nesse trabalho tem-se por objetivo aplicar a reflexão teórica sobre a categoria retórico-pragmática do *páthos* às matérias “Na Bahia, coordenador atribui resultado a ‘baixo QI dos baianos’”, publicada no jornal *A Folha de São Paulo* em 30 de abril de 2008, e “Coordenador de medicina da UFBA atribui baixa nota ao QI dos alunos”, publicada no jornal *A Tarde online* em 30 de abril de 2008, e aos respectivos comentários à segunda matéria realizados por leitores do jornal *A Tarde online*. Do total de 55 comentários, foram selecionados 8 para aplicação do modelo teórico de análise. Verificou-se que o orador, ao escolher seu argumento, desviou o foco central da questão e que esse argumento despertou sentimentos de comiseração e repulsa do auditório, o qual se sentiu ofendido.

**Palavras-chave:** Argumentação; Retórica; *Páthos*;

Esse trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa “Argumentação, práticas discursivas e poder”, em fase de desenvolvimento, e tem por objetivo aplicar a reflexão teórica sobre a categoria retórico-pragmática do *páthos* às matérias “Na Bahia, coordenador atribui resultado a ‘baixo QI dos baianos’”, publicada no jornal *A Folha de São Paulo* em 30 de abril de 2008, e “Coordenador de medicina da UFBA atribui baixa nota ao QI dos alunos”, publicada no jornal *A Tarde online* em 30 de abril de 2008, e aos respectivos comentários realizados à segunda matéria por leitores do jornal *A Tarde online*.

Considerando que a argumentação está alicerçada nas categorias que compõem a tríade: *ethos*, *lógos* e *páthos* e que ao *ethos* corresponde a imagem do orador; ao *páthos*, as paixões do auditório, e ao *lógos*, a organização do discurso, esse trabalho, por questão metodológica, centra-se no *páthos*, numa tentativa de deslocar e aplicar a categoria do *páthos*.

O *páthos*, segundo Bailly (1909, p. 642), pode ser definido como sofrer de uma afeição viva, ser vivamente emotivo, se apaixonar. Para Lausberg (1982, p. 105-106), o *páthos* é o grau mais violento dos afetos, a comoção. Tanto assim que, na tragédia, o que se espera dos espectadores durante o espetáculo são dois afetos com grau reduzido de violência: esperança e medo. Ao término da encenação, espera-se que os espectadores sintam comiseração e horror.

A categoria retórica do *páthos* também foi estudada por Aristóteles com caráter persuasivo na *Arte Retórica*: “persuarde-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, ódio ou amor”. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p.16) afirmam

---

<sup>1</sup>Licenciado em Letras Vernáculas pela UCSal. Especialista em Leitura e Análise do Discurso pela UCSal. Mestre e Doutor em Letras – área Filologia e Língua Portuguesa – pela USP. Pós-Doutor em Lingüística pela Universidade Nova de Lisboa. Professor Assistente-Doutor do Instituto de Letras da UCSal. Professor Titular do Departamento de Ciências Humanas da UNEB. Coordenador e pesquisador do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso (NEAD). Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) da UNEB. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística (PPGLL) da UFBA. [jneto@uneb.br](mailto:jneto@uneb.br)

“toda argumentação visa à adesão dos espíritos”. Esse também é o pensamento de Lausberg (1982, p. 105).

As condições prévias da argumentação que caracterizam o “contrato dos espíritos” são arroladas por Grice (1982, p. 87) nos seus princípios de cooperação: a língua comum entre os interlocutores, o desejo do locutor de entrar em comunicação e, em resposta, a atenção e interesse do alocutário.

Ao enfatizar a questão da adesão do auditório/alocutário ao qual o orador/locutor se dirige, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) identificam a Nova Retórica com a teoria geral do discurso persuasivo, a qual objetiva obter a adesão intelectual e emotiva de um auditório/alocutário. Para tanto, a comunicação deve tender a orientar pensamentos, a exercitar ou a apaziguar as emoções, a dirigir uma ação, pois conduz à conjunção do diálogo e da razão que, assumida na sua condição histórica, perpetua, pelo direito à palavra e à questão, a construção de um pluralismo e a exigência, sempre em renovação, de um pensamento crítico.

Na perspectiva enunciativa, o enunciador é uma figura que não se dá como quem fala, mas simplesmente como um lugar do qual se fala, se enuncia. Pode-se, então, concluir que aquele “que fala” e aquele “que vê” são papéis que não devem ser atribuídos a um único ser. As atitudes expressas no discurso por um locutor podem ser atribuídas a enunciadores dos quais se distancia tendo em vista a argumentação.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 4) esclarecem que a teoria da argumentação tem por objeto o estudo das técnicas discursivas que permitem “provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento”, girando em torno da concepção social da linguagem como instrumento de comunicação e de ação sobre o outro.

Deve-se distinguir a demonstração, ligada à experiência e à dedução lógica e usuária, das provas analíticas, da argumentação – *lógos* –, que emprega provas dialéticas e diz respeito ao verossímil, ao plausível, ao provável, escapando do cálculo lógico. O problema dialógico supõe também um conjunto de asserções plausíveis, de opiniões mais ou menos favoráveis.

Esse pressuposto contrato intelectual entre orador e o seu auditório faz-se necessário para que a argumentação não seja nula, isto é, “é preciso que um discurso seja escutado, que um livro seja lido” (PERELMAN, 1999, p. 29).

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), argumentar é uma ação do orador (locutor) sobre um auditório (alocutário) com vistas ao desencadeamento de uma outra ação. Esses autores distinguem três tipos principais de auditório: universal, constituído por toda a humanidade; particular, constituído por um alocutário ou um grupo específico de alocutários, e o auditório constituído pelo próprio locutor (diários pessoais, monólogos interiores).

Tendo em vista o tipo de auditório que se pretende atingir, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) estabelecem a diferença entre convencer e persuadir. Convencer objetiva o auditório universal, por isso é atemporal, utiliza-se de raciocínio lógico e de provas objetivas e a conclusão decorre das premissas apresentadas. Persuadir visa ao auditório particular, por isso é temporal, é subjetivo, pois tem por meta a vontade e o sentimento, parte de argumentos plausíveis ou verossímeis e conduz a inferências, as quais levam o auditório a aderir aos argumentos apresentados.

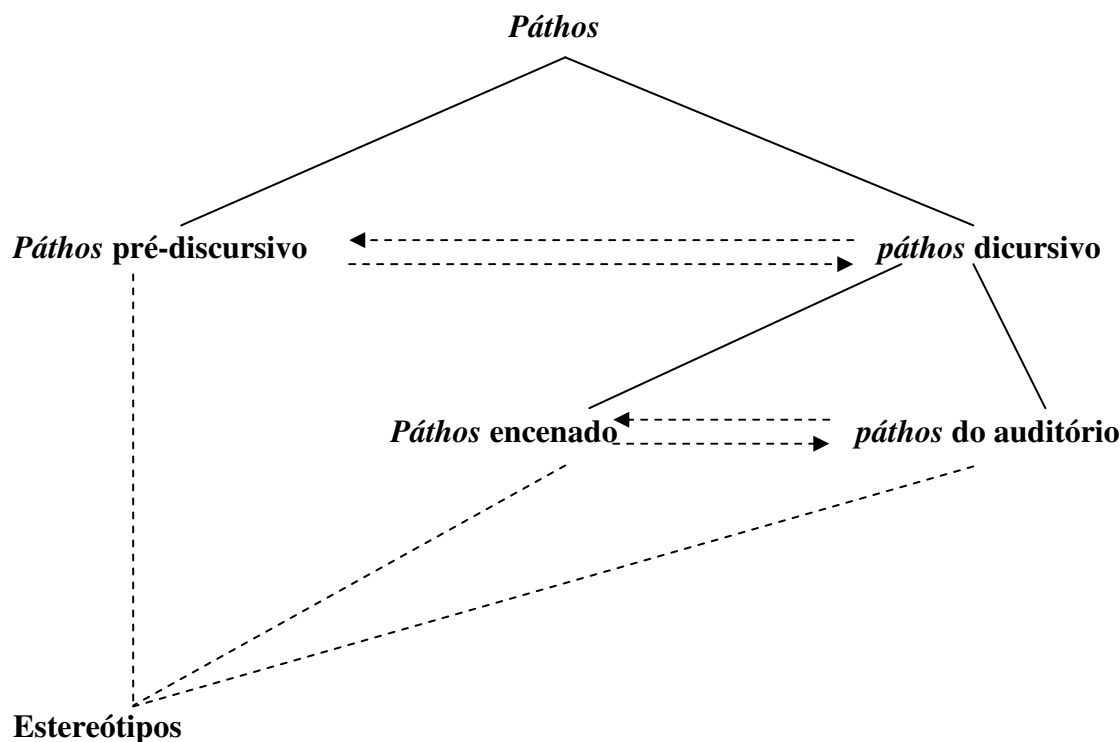
A adesão do auditório é imprescindível para a argumentação. Essa adesão, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 16), é um contrato intelectual entre o orador e o auditório, o qual deve ser estabelecido previamente e se relaciona ao que mutuamente se concebe e admite entre ambos e que são revelados nas premissas da argumentação. O objetivo da argumentação não é provar a verdade da conclusão a partir da verdade das premissas, mas é buscar a adesão. Por isso, a preocupação com a adesão do auditório às premissas do discurso é o primeiro passo para uma argumentação bem sucedida.

A discursividade persuasiva é construída em função do auditório, visto que é pelo discurso que a adesão dos espíritos constituintes do auditório se conquista. Por isso, a argumentação não pode desconsiderar os fatores psicológicos, sociais, ideológicos que interferem na construção do discurso, ou seja, estes fatores são essenciais à eficácia da própria argumentação, pois ela tem de ser construída a partir da definição de como é constituído o seu auditório. O reconhecimento do interlocutor por parte do orador/locutor persuasivo faz do auditório, em grande parte, uma construção do orador. Este define-lhe a identidade e demarca-lhe o limite. Por isso o auditório possui um papel central na argumentação, visto que esta tem por objetivo não propriamente a “verdade”, mas a verossimilhança, a qual só é validada naquilo que pensa o auditório, qual seja o seu estado de espírito, a sua convicção ou crença.

Por isso, para Santana Neto (2006, p. 177-192), o *páthos* pode ser subdividido em dois: o *páthos* pré-discursivo e o *páthos* discursivo. Ligam-se ao primeiro as emoções do auditório previstas pelo orador; ao segundo, as emoções do auditório reveladas durante o discurso. Ao elaborar a sua argumentação, o Dr. Antônio Dantas pretendia, ao que tudo indica, causar comiseração e revolta pela nota recebida pelos alunos do curso de medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA) no Exame nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade). Entretanto, o auditório sentiu comiseração e revolta não pela nota obtida pelo curso de medicina da UFBA no Enade, mas pelas declarações do coordenador do referido curso, uma vez que o argumento utilizado pelo orador não foi validado pelo auditório, pois não corresponde à imagem que ele tem de si.

O *páthos* discursivo ainda pode ser dividido em *páthos* encenado e *páthos* do auditório. Quando o orador utiliza-se da cenografia a fim de criar uma realidade verossímil na qual as personagens revelam as suas paixões, tem-se o *páthos* encenado, que influencia o *páthos* (comoção) do auditório, o qual, por sua vez, apresenta as paixões do auditório propriamente ditas, isto é, a influência afetiva obtida pelo discurso do orador.

Santana Neto (2006, p. 185) propõe, com base nos estudos de Maingueneau (In: AMOSSY, 2005, p. 83), esquema a seguir para representar o *páthos*:



Tanto o *páthos* pré-discursivo quanto o *páthos* discursivo levam em conta os estereótipos, os quais são necessários para que as emoções sejam desencadeadas. O estereótipo do baiano é “baiano não nasce, estréia”, ligado ao fato de que vários são os artistas que nasceram na Bahia. Ao afirmar que o “baixo QI dos baianos é hereditário e verificado ‘por quem convive [com pessoas nascidas na Bahia]’” (FOLHA ONLINE, 30 abr. 2008), Dr. Antônio Dantas rompe com o estereótipo e desencadeia o conflito com seu auditório. As afirmativas atingem mais ainda a auto-estima baiana quando o coordenador esclarece: “o baiano toca berimbau porque só tem uma corda. Se tivesse mais [cordas], não conseguiria”. Com a auto-estima manchada, os baianos entram em comoção e atingem o *páthos* do auditório.

Fica evidente na leitura das matérias em questão que o coordenador do curso de medicina da UFBA estava preocupado em apontar as qualidades da instituição, do curso e do corpo docente; conseqüentemente, passou inteiramente a responsabilidade da nota atribuída no Enade exclusivamente para o corpo discente.

Contudo as afirmações do Coordenador extrapolaram o auditório particular e atingiu o auditório universal, uma vez que

Para o coordenador do curso de medicina da UFBA (Universidade Federal da Bahia), Antônio dantas, 69, o baixo rendimento dos alunos da faculdade no Enade (Exame nacional de Desempenho dos Estudantes) se deve ao “baixo QI [quociente de inteligência] dos baianos” (FOLHA ONLINE, 30 abr. 2008).

Ao utilizar “baixo QI dos baianos”, o Dr. Antônio Dantas atingiu um número de pessoas bem maior do que aquele que obteve baixo desempenho na prova do Enade, conforme pode ser observado no trecho seguinte da reportagem: “Os alunos de medicina da UFBA obtiveram

conceito dois no exame. ‘Se não houve boicote dos estudantes, o que não acredito, o resultado mostra a baixa inteligência dos alunos’”.

Como o objetivo nesse trabalho é aplicar o modelo teórico proposto por Santana Neto (2006, p. 177-192), foram escolhidos oito comentários dos leitores do jornal *A Tarde on line* para demonstrar o estudo do *páthos*.

1. Nossa...isso pq ele é coordenador de Medicina, hein!**Coitado, quem tem baixo nível intelectual é ele**, que nem sabe que hj se mede muito mais a inteligência emocional, do que a intelectual, coisa que ele não tem...
2. Inacreditável. Nunca pensei que viria à tona, de modo tão brutal, a crueldade dos podres poderes humanos. É inadmissível a existência, em pleno século XXI, deste tipo de **mentalidade racista, preconceituosa** e, acima de tudo, **burra**. E pior, saber que alguém com este nível de raciocínio, como disse Oscar Fontes, está ocupando tal cargo numa universidade tão conceituada como a UFBA. Lamentável a falta de conhecimento desta criatura à cultura, música e arte baianas. Recomendo-lhe leitura, Dantas!
3. O Zorra Total ainda não descobriu o 'Sêo' Natalino... **Que humorista!** Não? Isso não foi uma piada? Ele falava sério?! Deus me livre... Realmente, ele tem razão. Pelo menos um baiano possui um QI muito baixo: o 'Sêo' Natalino
4. É lamentável que um professor e coordenador de um curso de Medicina tenha idéia tão absurda sobre o baixo desempenho de alunos da graduação. Devemos execrar tais **idéias de conteúdo preconceituoso e medíocre**. Essa **postura ignorante** agride a sociedade baiana como um todo. A Bahia, terra de médicos que tanto contribuem para o desenvolvimento da Medicina brasileira; assim como de músicos,que mesmo dispondo de um simples berimbau têm a criatividade ímpar de criar belas melodias; só tem a lamentar.
5. **Põe um berimbau na mão do professor Natalino**, pra ver se ele consegue tirar uns acordes...
6. São Pessoas como essa que levaram milhões a morte na Alemanha e recentemente nos Balcãs, pregam ideais racistas e outras coisas ruins, um absurdo. Os problemas do Brasil são sociasi, herança de uma classe a qual esse senhor deve admirar, coronéis, escravagistas e outros, que hoje continuam no nosso congresso, fazendo maracutaiais. **Cadeia nele** e nos que ele representa.
7. Será que a Bahia ainda tem que conviver dando guarita a esse **tipinho de pessoa**, que se acha o maior e o mais inteligente. **Esse doutor não tem competência** para coordenar a sua casa veja lá uma escola tão importante como a UFBA. A opinião deste vai de encontro a toda intelectualidade do mundo inteiro. O nosso maior erro é acreditar neste tipo de gente **sem qualquer qualificação** para emitir opinião ainda mais de coisa seria como pessoa humana. Vamos pedir o mais urgente o afastamento deste sujeito.
8. A entrevista dada a Folha não está completa. O coordenador afirmou ainda que baianos tocam berimbau pois o mesmo só tem uma corda;. Não sei da responsabilidade (**sanidade** ) do coordenador, mas isto remete a uma denuncia nom MP com relação a **afirmativas discriminatórias, racistas**. O coordenador do curso mantém a linha do pensamento determinista do final do século XIX. Isto é muito perigoso! A confirmar-se as afirmativas acho que cabe ao reitor da universidade **exonerar.e processar**

A leitura dos oito comentários, selecionados num total de cinquenta e cinco, evidencia o já apontado conflito gerado entre as declarações do orador e o estereótipo da inteligência baiana. Esse conflito pode ser verificado pelo emprego de lexemas que apontam para os sentimentos

despertados no auditório (leitores dos jornais citados). Ao classificar o orador de “insano” (comentário 8), “preconceituoso” (comentário 2, 4), “racista” (comentário 2), “com baixo QI” (comentários 1), “comediante [ironia]” (comentário 2), “incompetente” (comentário 5), “criminoso” (comentário 6, 8), “sem qualquer qualificação” (comentário 7) o auditório revela as suas paixões, seus sentimentos em relação à argumentação do orador.

Fica evidente que o orador não se preocupou com o auditório ao formular a sua argumentação. O emprego do argumento do “baixo QI dos baianos” foi um erro que desviou a atenção do auditório do ponto central da questão: a nota dois dos alunos do curso de medicina da UFBA. No lugar de serem discutidas estratégias para elevar a pontuação do curso no Enade, a discussão polarizou-se no argumento do orador, visto que rompeu com o estereótipo.

A partir desse breve trabalho, pode-se afirmar que o modelo teórico proposto por Santana Neto (2006, p. 177-192) contribui para o estudo da argumentação, uma vez que os atuais estudos da pragmática, disciplina que estuda o uso da linguagem, têm se voltado, entre outros temas, para o estudo das três categorias retóricas: *ethos*, *lógos* e *páthos*. Tal interesse surge devido ao fato da argumentação depender, entre outros componentes pragmáticos, dessa tríade retórica.

Entretanto não seria exato concluir que o auditório se deixa convencer unicamente pelo *páthos*. Essa afirmativa só é válida porque o auditório se deixa persuadir pela argumentação que é o resultado das relações entre as categorias que compõem a tríade: *ethos*, *lógos* e *páthos*. Segundo os estudos realizados, a partir do deslocamento dessas três categorias retóricas, observa-se a importância das suas relações na construção da argumentação, quer esta vise ao convencimento e/ou à persuasão. Na realidade, o objetivo do orador só é alcançado quando esses três componentes pragmáticos ou categorias retóricas interagem entre si.

Para Santana Neto (2005, p. 102), “a argumentação é a síntese que congrega o *lógos*, o *ethos* e o *páthos*, uma vez que esses três elementos são utilizados para a construção da argumentação num processo de complementariedade espiralada que objetiva atingir à persuasão” e/ou ao convencimento.

## REFERÊNCIAS

ABRENTES, H. Coordenador de medicina da UFBA atribui baixa nota ao QI dos alunos. **A Tarde online**, Salvador, 2008. Disponível em: <<http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=875209>>. Acesso em: 10 jul. 2008.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, [IV aC]1998.

BAILLY, M. A. **Abrégé du dictionnaire grec-français**. 12. ed. Paris: Hachette, 1909.

BAPTISTA, R. Na Bahia, coordenador atribui resultado a “baixo QI dos baianos”. **Folha online**, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora&url=http%3A%2F%2Fwww1.folh...>>. Acesso em: 10 jul. 2008.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (org.). **Pragmática: problemas, críticas, perspectivas da lingüística – bibliografia**. Campinas: [s.n.], 1982.

LAUSBERG, H. **Elementos de retórica literária**. Trad. R. M. Rosado Fernandes. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia , incorporação. In: AMOSSY, R. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Trad. Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

PERELMAN, C. **O império retórico: retórica e argumentação**. Trad. Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. 2. ed. Porto: Asa, 1999.

PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996

SANTANA NETO, J. A. de. **Processos argumentativos: estudo retórico de textos didáticos medievais**. Salvador: Quarteto, 2005.

SANTANA NETO, J. A. de. O *páthos* e a argumentação: uma visão retórico-pragmática. In: TEIXEIRA, M. da C. R.; QUEIROZ, R. de C. R. de; SANTOS, R. B dos (orgs.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 177-192.